Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

Ano I nº 6
10/7 a 17/7/1996
R$ 1,00

Opinião SOCIALISTA

Nas eleições

PSTU apresenta alternativa socialista

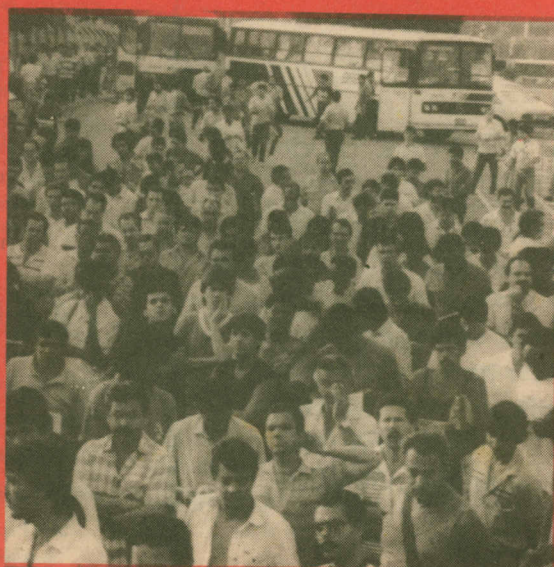
Candidatos do partido nas capitais serão de oposição prá valer a FHC e defenderão que os trabalhadores governem

Páginas 6 e 7

Veja quem é a verdadeira elite que manda no país

página 5

Greves na África do Sul se chocam com planos de Mandela

página 11

GM: operários querem a volta dos sindicalistas demitidos

página 8

C U R T A S

Subindo. Segundo pesquisa do Dieese, os preços da cesta básica aumentaram em 13 das 16 capitais pesquisadas. A maior alta foi em Curitiba com 7,24%. Em São Paulo, há mais de um mês que a cesta básica não baixa mais da casa dos R$ 111. A novidade da semana, foi que o frango (o maior cabo eleitoral do Plano Real) subiu até 7% na Grande São Paulo.

◆

Saco sem fundo. Não há como não falar das falcatruas do sistema bancário. A cada semana é uma novidade. Agora, o relatório final do Banco Central descobriu que o rombo patrimonial do Banco Nacional é de R$ 7,5 bilhões (R$ 2,9 bilhões a mais que o previsto inicialmente). O pior da história é que o "prejuízo" vai ser coberto pelo Banco Central, pois quando um banco está sob administração do BC, são os cofres públicos que seguram a "diferença". E não tem ninguém dessa turma na cadeia!

◆

Mais Proer. Parece mesmo uma competição para ver quem parasita mais os cofres públicos. Após uma nova "liberação" de R$ 508,9 milhões, os gastos do Proer com o Econômico já somam R$ 6,164 bilhões. Para a operação Nacional-Unibanco foram R$ 5,908 bilhões (sem contabilizar aqui o tal rombo a mais do Nacional). Com isso, a operação salva-banqueiro patrocinada pelo Proer já consumiu R$ 13,286 bilhões em menos de um ano.

◆

Brinquedos. Na semana passada o governo aumentou o imposto para os brinquedos importados. A alíquota que era de 20% subiu para 70%. Esta medida serve para tentar salvar da extinção outro setor da indústria nacional. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos, desde que acelerou-se a abertura comercial para produtos importados, em 1991, 501 fábricas do setor fecharam e 38% dos operários (9.200 aproximadamente) foram demitidos.

◆

Araguaia. Foi encontrada no último dia 4 de julho a segunda ossada de um guerrilheiro morto e clandestinamente enterrado pelos militares durante a guerrilha do Araguaia, ocorrida na primeira metade dos anos 70. O local onde foi encontrada a ossada (cemitério municipal de Xambioá, no estado de Tocantins) confere com o indicado por uma testemunha que viu os militares enterrarem cinco guerrilheiros no local, em julho de 1972. A primeira ossada foi encontrada em 1991 e identificada como sendo da guerrilheira Maria Lucia Petit. Estima-se que pelo menos 41 militantes do PCdoB que atuaram no Araguaia, tenham sido enterrados em oito cemitérios clandestinos na região do Araguaia, próxima a Xambioá.

◆

Prostituição. O Centro de Referências, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (Cecria), que é uma organização não governamental, divulgou relatório onde denuncia que a prostituição infantil atinge 500 mil meninas no país. Há prostíbulos na região centro-oeste que são "fechados", ou seja, mantêm as meninas em regime de escravidão. Os dados são assustadores: na Paraíba há crianças de 5 a 7 anos que já se prostituem nas ruas. No Acre, a idade varia entre 9 e 14 anos. Esta é apenas mais uma faceta do Brasil Real que FHC faz de conta que não existe.

O QUE SE VIU

Patrick Foussard/Sills

Enquanto seu amigo e fiel escudeiro Paulo Cesar Farias era assassinado em Alagoas, Collor e sua mulher, Roseane se esbaldavam (de forma bastante ridícula como podemos observar na foto) no Taiti, nas ilhas da Polinésia Francesa. Collor limitou-se a enviar um telegrama "solidarizando-se com a família" e "lamentando o ocorrido".

O QUE SE DISSE

Luíza Erundina, tinha medo de movimentos populares. Achava que íamos instrumentalizar a prefeitura, e nunca nos deu um tostão. Também é ruim o relacionamento com os governos petistas do Espírito Santo e Distrito Federal. Em vez de democráticos e populares, nós os apelidamos de burocráticos e celulares. A visão que temos da maioria dos militantes que saíram do PT ou da CUT para ocupar cargos nesses governos, é que estão apenas defendendo seus empregos. E estão gostando disso, o que é pior."

João Pedro Stédile, sobre a relação do MST com os governos petistas, em entrevista a revista *Atenção*, nº 6.

Foi um equívoco ter proposto a desapropriação da mansão Matarazzo para fazer lá um centro de memória da classe operária. Não foi correto porque isso acabou acirrando uma velha questão de disputa de classes, e em qualquer cidade, principalmente do porte de São Paulo, não se pode pensar em governar acirrando disputas e contradições entre seus vários segmentos sociais."

Luíza Erundina, falando do que se arrependeu de fazer no seu governo, em entrevista ao jornal *O Estado de S.Paulo*, em 5/7/96.

"Antonio Carlos, o leão da Bahia, esse homem tem garra e, porque tem garra, tem o apoio desse povo, vai para a briga de peito aberto."

FHC elogia ACM em discurso na cidade de Jequié, na Bahia, durante inauguração de um poliduto da Petrobrás, que virou um comício eleitoral do PFL. No jornal *Folha de S.Paulo*, 6/7/96.

P S T U

◆**Nacional:** Tel - 549-9666 / 574-5838 / 575-6093 (SP) ◆ **São Paulo (SP):** Rua Nicolaú de Souza Queiroz 189 - Paraíso- Tel (011) 572-5416 ◆**São Bernardo do Campo (SP):** Rua João Ramalho 64 - Tel (011) 756-0382 ◆ **Guarulhos (SP):** Rua Glauce Souza Lima 17 Vila Augusta ◆ **São José dos Campos (SP):** Rua Mario Galvão 189 Centro Tel (0123) 41-2845 ◆ **Rio Claro (SP):** Av. 1, 1143 Centro - Tel 24-0193 ◆ **Rio de Janeiro (RJ):** Rua da Candelária 87 4º And. Tel (021) 233-7374 ◆ **Florianópolis (SC):** CX Postal 3082 CEP 88010-970 ◆ **Duque de Caxias (RJ):** Rua Nunes Alves 75 Sala 602 ◆**Belo Horizonte (MG):** Rua Padre Belchior, 289 Centro Tel: (031) 226-3460 ◆ **Natal (RN):** Av. Rio Branco 815 Centro ◆**São Luís (MA):** Rua Candido Ribeiro, 441 Sala 1 Centro - (098) 232-4683 ◆ **J. Pessoa (PB):** (079) 231-8340 / 211-1867 ◆ **Maceió (AL):** Rua 13 de Maio 87 Poço ◆ **Brasília (DF):** SDS Ed. CONIC - Sobreloja 21 - cep 70391-900 Tel (061) 225-7373 ◆ **Goiânia (GO):** (062) 229-2546 ◆ **Belém:** Rua Riachuelo, 134 Comércio Tel (091) 225-3042 ◆ **Manaus (AM):** Rua Emilio Moreira 821 Altos Centro (092) 234-2289 ◆ **Recife (PE):** Rua da Gloria, 472 Tel (081) 231-3800 ◆ **Fortaleza (CE):** Av. da Universidade 2333 Centro - Tel (221-3972) ◆ **Porto Alegre (RS):** Rua Borges de Medeiros, 549 4º andar Centro ◆ **Passo Fundo (RS):** Rua Teixeira Soares, 2063 ◆ **São Leopoldo (RS):** Rua São Caetano, 53 ◆ **Terezina (PI):** Rua Lizandro Nogueira 1655 sala 02 - Centro

O nosso endereço eletrônico é: **sede.pstu@mandic.com.br**

EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. CGC 73282.907/000-64 Atividade principal 61.81. Endereço: Rua Jorge Tibiriçá, 238 - bairro Saúde - São Paulo-SP-CEP 04126-000. Impressão: Gráfica Vannucci

CONSELHO EDITORIAL
Martiniano Cavalcanti, Junia Gouveia, José Maria de Almeida, Valério Arcary, Enio Bucchioni, Carlos Bauer e Edna Araújo

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

DIAGRAMAÇÃO
Inácio Marcondes Neto

EDITORIAL

Para os aliados, grana

Apesar de alguns avanços que conseguiu no Congresso Nacional, como a redução dos destaques de votação em separado, o governo começa a virar suas baterias para as eleições municipais, já que as reformas estão praticamente em compasso de espera. FHC vai jogar suas fichas para vencer as eleições, no mínimo nas grandes capitais, pois elas serão decisivas nas negociações futuras com os parlamentares, na continuidade das Reformas e na sonhada emenda de reeleição presidencial.

Para ser mais exato, FHC não está jogando fichas, mas sim muito dinheiro para municípios governados por partidos da sua base governista. Há duas semanas, foram liberados R$ 279 milhões de verbas orçamentarias para verdadeiras obras eleitorais, quase tudo para os aliados. Isto para não falar da Comunidade Solidária (com os amigos de FHC), questionada duramente por dezenas de organizações não governamentais, que acusam a nova LBA de utilizar as verbas sociais para fins eleitorais.

Em resumo, o governo colocou a máquina em ação para ganhar as eleições no melhor estilo da política burguesa brasileira. Claro que estes números parecem pequenos se comparados com os mais de R$ 13 bilhões que o Proer já torrou para salvar o sistema financeiro. Mas certamente são suficientes para as inúmeras obras de última hora que podem garantir providenciais vitórias de aliados.

A situação não é cômoda para o governo. As recentes pesquisas continuam indicando queda contínua de popularidade. As vaias são comuns nas aparições públicas de FHC ou em eventos, como na abertura da SBPC, onde a mensagem enviada pelo presidente foi lida e sonoramente vaiada. A tendência portanto, é que milhões de trabalhadores, que vivem às voltas com um brutal arrocho salarial e um desemprego crescente, carreguem as urnas de votos contra os candidatos identificados com o governo.

Porém, não basta apenas chamar o voto contra o governo. É preciso que os partidos de esquerda utilizem a campanha eleitoral para convocar os trabalhadores a derrotar o projeto de FHC pela ação direta e ainda, para apresentar um programa classista, que defenda as reivindicações dos trabalhadores de forma intransigente. Infelizmente isso não vem ocorrendo. Por exemplo, foi constrangedor ver a candidata do PT à prefeitura de São Paulo, Luíza Erundina, não conseguir sequer defender a greve dos petroleiros após uma pergunta provocativa feita por um dos seus oponentes no debate da TV Bandeirantes.

De nossa parte, o **PSTU**, que está lançando candidatos na maioria das capitais do país e que já esteve presente em três debates de televisão, assume o compromisso de apresentar uma saída socialista nas eleições municipais, partindo da defesa intransigente das reivindicações dos trabalhadores, do apelo à sua mobilização e de uma postura de oposição prá valer ao governo federal.

OPINIÃO

Pacote ou embrulho?

José Baiôco,
deputado estadual do PT/ES

As medidas anunciadas no Espírito Santo pelo governo Vitor Buaiz no último dia 30 de maio contrariam frontalmente o ideário petista. As alternativas de eficiência do governo ficam por conta da demissão de servidores, terceirização e privatização de serviços públicos. Optando pela coerência política, a bancada do PT colocou-se imediatamente na oposição a essas medidas.

Com suas propostas, o governo pretende estar sintonizado com o que este denomina "demandas de nosso tempo", que na sua concepção teriam como pontos centrais a garantia de empregabilidade, da prestação de serviços públicos e da mudança do papel do Estado.

Na verdade, as medidas do governo são falaciosas e servirão apenas para alegar mais tarde que foi dado o instrumento e oportunidade à Assembléia Legislativa para acabar com o déficit público estadual, jogando nas costas dos deputados a responsabilidade sobre o caos financeiro do estado, caso as mesmas não sejam aprovadas. Para cobrir as indenizações do Plano de Demissão Incentivada (PDI), por exemplo, que deverá trazer uma economia de R$ 14 milhões, o governo do Estado terá que recorrer a empréstimos (previsão de cerca de R$ 250 milhões), dobrando o custo destes empréstimos dos atuais R$ 15 milhões mensais para cerca de R$ 32 milhões mensais.

O maior problema das propostas do governo é que elas estão totalmente desvinculadas de um projeto de política de desenvolvimento de abrangência estadual, que contemple setores como a agricultura, a indústria e as demandas das sub-regiões do Estado.

Se, ao invés dos constantes lamentos, o governo do Estado tomasse a iniciativa de convocar uma campanha popular de pressão sobre o Poder Judiciário para agilizar a cobrança dos sonegadores e priorizasse o processo de instrumentalização técnica e dedicação da Procuradoria Geral do Estado, certamente teria como resultado a reversão do quadro atual de baixo nível de recolhimento da dívida ativa, atualmente em torno de R$ 350 milhões. A cobrança de 50% desta dívida representaria a cobertura de praticamente todo o déficit operacional de 1996, que é da ordem de R$ 116 milhões.

CARTAS

Candidatos socialistas em Itajubá

O Partido Socialista dos Trabalhadores (PSTU) de Itajubá, Minas Gerais, lançou seus candidatos para as eleições de 3 de outubro. José Carlos dos Santos, o Carlinhos, é candidato a prefeito e Ângelo Boer, a vice prefeito. Os candidatos a vereador são Paulo Henrique Gabriel, Horival Alves de Oliveira, José Rubens Laurelli e Sebastião Raimundo dos Santos.

Nossa chapa representa uma alternativa operária e socialista nestas eleições, já que o PT local preferiu, mais uma vez, se omitir e não apresentar uma opção classista. O PT, apresentando apenas candidatos para vereador, vai apoiar uma coligação formada pelo PMDB, PDT e PSDB.

Carlinhos é metalúrgico da COTAP e diretor do sindicato e Ângelo Boer é advogado do sindicato. Os candidatos a vereador são companheiros metalúrgicos da Imbel.

Jarbas Salustiano Cardoso,
presidente municipal do PSTU
Itajubá (MG)

NÚMEROS *Patrões pagam menos impostos em 1996*

Fonte : Secretaria da Receita Federal

TRIBUTO	PERDA	TRIBUTO	PERDA
Imposto de Importação	2,8 bilhões	IOF (Imposto sobre Operações Financeiras)	472 milhões
Imposto de Exportação	7 milhões	ITR (Imposto Territorial Rural)	84 milhões
Imposto sobre Produtos Industrializados	1,1 bilhão	Confins	328 milhões
Imposto de Renda	1,4 bilhão	Contribuição Social sobre o Lucro Líquido	1,2 bilhão
Contribuição para o PIN/Proterra	60 milhões	*TOTAL* (perdas da Receita Federal)	*7,6 bilhões*

Lei de Imprensa fere direito à informação

José Carlos Rocha, professor de Ética e Legislação do Jornalismo na Escola de Comunicação e Artes/USP e coordenador do Fórum Democracia na Comunicação, fala sobre a Lei de Imprensa que está sendo debatida pelo Congresso Nacional e sobre o monopólio das comunicações no Brasil.

Wladimir Souza

José Carlos Rocha

Opinião Socialista — Qual a sua opinião sobre a Lei de Imprensa que está sendo debatida no Congresso Nacional?

Rocha — A Lei de Imprensa que está no Congresso trata só de injúria, difamação e calúnia. Toda essa briga da qual os jornais estão falando diz respeito apenas a quanto pode ser a multa que os jornais vão pagar por danos que causem a terceiros. Nos Estados Unidos já houve jornal multado em US$ 37 milhões; por que no Brasil teria que haver um limite a isso?

É preciso lembrar que a "Lei de Imprensa" é um conceito antigo. A "liberdade de imprensa" é a liberdade dos proprietários atuarem. Na "liberdade de informação" os veículos são obrigados a atender às demandas da população, portanto a liberdade passa para a pessoa imersa no conjunto da sociedade. No início da década de 90, houve um amplo movimento nacional em defesa de um projeto do deputado Zaire Resende (PMDB/MG) que recebeu o nome de Lei da Informação Democrática. No entanto, o projeto foi sepultado e, ao invés de sair um projeto de Lei da Informação, saiu um projeto de Lei de Imprensa.

Opinião Socialista — Quais as diferenças entre ter uma Lei de Imprensa e uma Lei da Informação?

Rocha — A Constituição diz que são vedados o monopólio e o oligopólio nos meios de comunicação social. Essa é uma determinação clara, mas na realidade existe um semi-monopólio da TV Globo e inúmeros oligopólios regionais. Em grande parte dos municípios do Brasil, o dono do jornal é também o dono das emissoras de rádio e do canal de televisão. Uma lei de informação democrática estabeleceria, por exemplo, que ninguém poderá ter rádio, televisão e jornal ao mesmo tempo. A Constituição estabelece também que a rádio e a televisão obedecerão ao princípio de complementaridade entre os sistemas público, privado e estatal. No sistema público estão as emissoras que são independentes do Estado, (poder político) e do capital (poder econômico).

> **"Na Grande São Paulo hoje, há mil pequenas rádios funcionando"**

Opinião Socialista — No último ano, dentro do processo de luta pela liberdade de informação, surgiram muitas rádios comunitárias. O que são essas rádios?

> **"Ninguém poderia ter rádio, televisão e jornal ao mesmo tempo"**

Rocha — Na Grande São Paulo há hoje cerca de mil pequenas rádios em funcionamento e 15 TV's prontas para ir ao ar. Quando instala uma rádio comunitária em um bairro, a população passa a gravitar em torno da rádio, oferecendo poesia, música, programas de variedades, campanhas ecológicas; a própria população realiza aquilo que a comunidade, sem liberdade de comunicação, não podia fazer. O movimento fixou que a potência da rádio comunitária não pode ser superior a 50 watts. Isso é cerca de 8 mil vezes menor do que uma rádio comercial, é uma migalha dentro da dívida social. Se você olhar o semi-monopólio da Globo ou os oligopólios de comunicação, você vê que eles estão nadando na mais fina tecnologia e, no entanto, não querem que a sociedade, que tem seus problemas para resolver e não pode resolver sem meios de comunicação próprios, tenha uma rádio.

Opinião Socialista — Recentemente foram fechadas várias emissoras em São Paulo, e há uma campanha na grande imprensa para que a população denuncie as "rádios piratas". Por que isso?

Rocha — Eles alegam um decreto-lei de 1967, que diz que é crime a comunicação não autorizada por meio de radioeletricidade. Porém, no plano jurídico, a Constituição ampara essas iniciativas, diz que é livre a expressão da atividade da comunicação independentemente de censura ou licença. Isso é o direito de receber informação, mas também o direito de informar. Há os que dizem que é um direito da Constituição, mas que não está regulamentado e não pode ser exercido. É como o direito de greve nos serviços essenciais: o direito existe mas o Supremo Tribunal Federal diz que não pode ser exercido. Se o direito existe, ele existe, como é que não pode ser exercido? O brasileiro tem, sim, o direito de montar uma rádio pequena, de baixa potência, para realizar a comunicação no âmbito em que vive, na sua comunidade.

ESTUDANTES

Reviravolta vence no Rio de Janeiro

Núcleo do PSTU/Uerj, Rio de Janeiro (RJ)

No último mês de junho, os estudantes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj) elegeram a nova diretoria do seu Diretório Central (DCE). Numa eleição que contou com um excelente comparecimento às urnas (aproximadamente 5500 alunos), e onde participaram cinco chapas, sendo três do PT e uma do PCdoB, a chapa Reviravolta na Uerj foi vencedora com 61% dos votos (3190).

As demais chapas obtiveram os seguintes resultados: Fora da Ordem (PT/PCB), 871 votos (16.71%); Tá na hora da virada (PT, com apoio da Reitoria), teve 678 votos (13.01%); Não gosto de bons modos (chapa do PT que propôs o fim do DCE), saiu com 408 votos (7.83%) e Protesto (PCdoB), obteve 66 votos (1.27%).

Estudantes votaram contra a privatização

A chapa Reviravolta na UERJ foi composta em sua maioria, por membros da gestão anterior do DCE-Uerj, gestão esta reconhecida por professores, funcionários e estudantes como a maior adversária do projeto de sucateamento e privatização de nossa universidade, iniciado por Hésio Cordeiro (PDT) e continuado pela reitoria Antônio Celso/Nilcéa (PSDB/PT). Fizemos um chamado aos demais setores, para uma chapa unitária contra a chapa da reitoria, que foi aceito pelos petistas da Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST) e da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo.

DCE irá organizar luta contra FHC

Os estudantes reconheceram Reviravolta como o setor que está defendendo realmente a universidade dos ataques neoliberais. No seu programa, a chapa defendeu que só a mobilização e a luta permitirão a manutenção do ensino gratuito e melhoria de sua qualidade, ao contrário das demais chapas, que preferiram atacar a entidade. O resultado das eleições demonstrou que para a maioria dos estudantes da Uerj esta é única forma de derrotar o projeto neoliberal do Banco Mundial e FHC.

Quem manda no Brasil são os capitalistas

Expedito Correia,
de São Paulo

Em reportagem que se pretende reveladora, a revista *Veja*, de 26 de junho de 1996, traz à baila a discussão sobre quem, afinal, manda no país. A reportagem, com base em pesquisa popular, enumera vinte personalidades que supostamente comandam o país, a *"elite brasileira"*, representada por uma miscelânea de pessoas ricas, famosas ou os dois juntos. O grupo tão variado vai de PC Farias (vivo na data da pesquisa) e Collor a José Sarney e FHC, passando por Xuxa, Pelé, Silvio Santos e Roberto Carlos, vários empresários, ministros, governadores, terminando com Lula e Vicentinho!

Matérias desse tipo não são publicadas por acaso, ainda mais em veículos de comunicação de grande porte. A reportagem se presta a um fim muito claro: pretende responsabilizar, ainda que sutilmente, o conjunto da sociedade pela crise social, a partir de pessoas de destaque, estejam elas ou não na direção da política ou da economia do país. O objetivo oculto, como ocorre amiúde na grande imprensa, é dar cobertura aos verdadeiros responsáveis por esta crise.

Raul Junior

Antônio Ermírio de Moraes

O problema aqui é o conceito de elite empregado, um conceito amplo, impreciso e que consegue juntar no mesmo saco gente tão diferente como Lula e Roberto Marinho e equiparar as responsabilidades de ambos na referida crise.

Wladimir Souza

Sede da Fiesp em São Paulo

Embora seja fácil demonstrar que o conceito de elite não define muita coisa, ele está enraizado na subjetividade popular. Bem mais difícil, mas necessário, é fazer ver às pessoas, diariamente bombardeadas pelos meios de comunicação de massa que, na verdade, a sociedade se divide em classes sociais, fundamentalmente entre os donos das terras, indústrias, bancos, comércio, etc, e os demais, que trabalham para aqueles em troca de salário.

Não se publicam com freqüência os números da riqueza no país, mesmo porque é muito irritativo, num país miserável como o nosso, ver os poucos que a concentram usufruir da boa vida que a exploração de muitos lhes traz. Muito mais comuns são os números da pobreza: 32 milhões de miseráveis, 1,3 milhão de desempregados só na Grande São Paulo, metade das terras do país nas mãos de 5% de proprietários etc. Isso é mais divulgado, talvez porque faz parte do cotidiano da maioria.

Concentração de renda faz do Brasil campeão mundial de desigualdade

A matéria da revista citada, como tantas outras do mesmo estilo, não apresenta os dados da concentração de renda que transformam o Brasil num campeão mundial de desigualdade social. É precisamente aí, na concentração de renda e propriedade, que se vai encontrar a fonte do poder num país capitalista como o Brasil. Xuxa e Roberto Carlos, de fato, não mandam nada! Quem manda mesmo é Antonio Ermírio, Roberto Marinho, Olavo Setúbal, os verdadeiros membros da classe dominante, ou como quer a *Veja*, a verdadeira elite.

10 bilionários no país dos miseráveis

Há critérios mais eficientes para estabelecer quem de fato comanda o país. Por exemplo, ver quem são os mais ricos. Estes, os que contratam e demitem, empregam e desempregam milhões, não por acaso influenciam decisivamente a política, fazem presidentes...

A revista Forbes, publicação de economia e negócios de e para milionários, em sua última edição, publica uma lista em que figuram 447 pessoas ou famílias de todo o mundo com fortunas acima de US$ 1 bilhão. Destes super-ricos, 10 são brasileiros, o terceiro maior grupo de bilionários das Américas, atrás apenas dos EUA e México.

Campeão é Antonio Ermírio

Encabeça a lista, como não poderia deixar de ser, Antonio Ermírio de Moraes, com US$ 5,1 bilhões, controlador, segundo a Forbes, de 96% do grupo Votorantim, o maior conglomerado do país, com interesses em cimento, aço, mineração e na área bancária.

Seguem na lista, pela ordem, Júlio Bozano, do Banco Bozano Simonsen; Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo; e a família Camargo, da construtora Camargo Corrêa, todos com fortunas acima dos US$ 2 bi.

Magnatas que dão as cartas

Por fim, completam a lista a família Andrade, da construtora Andrade Gutierrez, Abílio Diniz, do Grupo Pão de Açúcar; Luiz Alberto Garcia, do grupo de telecomunicações ABC Algar; Leon Feffer, da Cia. Suzano de Papel e Celulose; a família Larragoiti, da companhia de seguros Sul América; e Norberto Odebrecht, da construtora Odebrecht, com fortunas um pouco acima de US$ 1 bilhão.

A partir dos números e pelos setores da economia que controlam não é difícil compreender como esses e outros empresários que ainda não entraram no seleto grupo dos bilionários mandam na política brasileira. Eles de fato dão as cartas por aqui.

Poderosos comandam faroeste em Alagoas

Talvez em Alagoas esteja o exemplo mais ilustrativo de como os poderosos não resolvem seus problemas de forma muito pacífica. Num Estado onde o tráfico de drogas é irrisório e não há gangues, chama atenção que os índices de criminalidade sejam os mais elevados do país e mais ainda, que a violência seja comandada pelas famílias mais ricas do Estado. *"Mata-se por ciúmes, disputa de terras, queima de arquivo, brigas políticas e por um conceito muito peculiar de honra"*, diz a reportagem do *Estado de S. Paulo, de 1/7/96*

No episódio em torno do assassinato de PC Farias, o Brasil pôde ver mais de perto uma situação quase fora de controle, com lances de faroeste e um crime que simplesmente ninguém consegue esclarecer, apesar da montanha de peritos e opiniões envolvidas.

Além do mais, em Alagoas é praxe entre os ricos contratar soldados da PM do Estado para sua segurança pessoal. Proteger famílias tradicionais e, às vezes, arriscar na pistolagem virou um bom negócio para os PMs de Alagoas, que de outra forma não comeriam: há quatro meses não recebem seus salários.

É mais um exemplo, desta vez com cores grotescas, de que a máquina do Estado está a serviço dos poderosos. (E.C.)

PSTU apresentará alternativa socialista

Mariúcha Fontana,
da redação

O **PSTU** está lançando mais de 20 candidaturas a prefeito nas eleições de 1996. Só nas capitais são 14 candidaturas.

Não estamos apresentando estas candidaturas todas porque acreditemos que possamos transformar a sociedade depositando um voto na urna. Pelo contrário, acreditamos que só poderemos transformar essa sociedade injusta, através da luta, da ação direta e da mobilização permanente dos trabalhadores e do povo. As eleições, nas quais os partidos de esquerda devem participar, devem ser um meio a mais para divulgar as propostas de transformação desta sociedade; um meio a mais para desmascarar os projetos da classe dominante, seu governo e seus partidos e afirmar a independência política de classe dos trabalhadores. Um momento a mais para estimular a mobilização e auto-organização dos trabalhadores, em direção à construção de um governo seu, apoiado nas suas organizações.

A alternativa apresentada pelos diversos candidatos das classes dominantes, que representam o latifúndio, os bancos, os grandes empresários, é a rendição à globalização imperialista e ao projeto do governo federal. Nas prefeituras, eles atendem aos interesses dos especuladores imobiliários e do solo urbano, das empresas de transportes e das empreiteiras. São correias de transmissão da Reforma do Estado, desobrigando o município de todos os serviços públicos e sociais. E são um ponto de apoio para que o governo federal e todos os grandes grupos capitalistas do país aumentem a exploração sobre o conjunto dos trabalhadores e do povo, garantindo seus lucros.

A saída dos trabalhadores pressupõe a conquista de emprego, salário, terra, habitação, saúde, educação e transporte público de qualidade. E para conquistar tais reivindicações é preciso derrotar o projeto do governo e os capitalistas.

Por isso o **PSTU** estará dizendo que os trabalhadores devem confiar em suas próprias forças e na sua luta. Pois um projeto verdadeiramente a serviço dos interesses da maioria da população trabalhadora precisará articular um projeto de investimentos sociais massivos. A obtenção dos recursos necessários para esse programa terá que vir da taxação progressiva dos impostos sobre o grande capital e da suspensão do pagamento das dívidas externa e interna, que carreiam milhões e às vezes bilhões para os banqueiros. Não tenhamos ilusões, um programa verdadeiramente voltado para o social, para erradicar a miséria, só pode se materializar combatendo violentamente o capital. Portanto, tal programa e projeto só poderá ser sustentado pelo povo e pelos trabalhadores mobilizados e organizados.

Estaremos defendendo que os trabalhadores é que devem governar, apoiados na sua mobilização e nas suas organizações.

Sérgio Koei

PT quer governar para ricos e pobres

Infelizmente, na maioria das capitais, o PT não assumiu o compromisso com as reivindicações mais sentidas dos trabalhadores.

Somos conscientes da necessidade da unidade da esquerda para derrotar Fernando Henrique. E por isso lutamos por essa unidade, em base a um programa de enfrentamento com o governo federal e com a classe dominante.

Pensamos que não é útil governar para administrar os negócios capitalistas com mais honestidade. Não é útil mentir para os trabalhadores e dizer que a vida pode mudar a partir de que alguém governe por ele. Não é útil para os trabalhadores apresentar políticas sociais compensatórias, como projetos de renda mínima, como se isso resolvesse o fosso brutal que separa ricos e pobres neste país.

Intelizmente, na maioria das capitais o PT optou por governar para todos, o que simplesmente não é possível. (M.F.)

Sérgio Koei

Conheça alguns candidatos a prefeito do PSTU

Região Norte		Região Centro-Oeste	
Manaus (AM)	Irinéia Vieira	Goiânia (GO)	Martiniano Cavalcante
Brasiléia (AC)	Osmarino Amâncio	**Região Sudeste**	
Região Nordeste		São Paulo (SP)	Valério Arcary
Aracaju (SE)	Francisco Gualberto	Rio de Janeiro (RJ)	Cyro Garcia
Recife (PE)	Joaquim Magalhães	Belo Horizonte (MG)	José Bonifácio (Boni)
João Pessoa (PB)	Afonso Abreu	**Região Sul**	
Natal (RN)	Dário Barbosa	Curitiba (PR)	Júlio de Jesus
Teresina (PI)	João Gervásio	Florianópolis (SC)	Ioana de Oliveira
São Luís (MA)	Marcos Silva	Porto Alegre (RS)	Júlio Flores

SÃO PAULO

Valério Arcary debate na TV

No dia 1º de julho a TV Bandeirantes realizou o primeiro debate entre os candidatos a prefeito de São Paulo. A emissora, no entanto, tentou excluir deste os pequenos partidos, entre eles o **PSTU**. Mas uma liminar na justiça, deu ganho de causa ao partido e Valério Arcary foi ao ar.

*"O **PSTU** é um partido socialista. Nós pensamos que os três grandes problemas que atingem hoje a cidade de São Paulo, onde está concentrada de forma dramática as condições terríveis nas quais a maioria da nossa população trabalhadora vive, são: o problema dos salários baixos, o problema do desemprego em massa e a enorme dificuldade da casa própria(...) Diante desta crise existem duas saídas: uma é a saída capitalista e a outra é a saída socialista. Não existe saída indolor. É preciso que alguns paguem o preço da crise. O **PSTU** vai, nesta campanha eleitoral, explicar qual é a saída dos trabalhadores para a crise e porque nós defendemos que os ricos, os grandes capitalistas, os grandes monopólios, devem pagar a conta."*, disse Valério na apresentação. Depois, fez uma pergunta ao candidato José Serra do PSDB, acerca do Proer.

No encerramento do debate, Valério afirmou que aqueles que se apresentam nas eleições dizendo representar os interesses de todas as classes, mente. E deu como exemplo o candidato Rossi, do PDT, que no próprio debate, buscando polemizar com Erundina, do PT, atacou violentamente a greve dos petroleiros. Ataque esse, que Erundina não respondeu, titubeando na defesa dos petroleiros. Valério disse: *"Excesso, sr. Rossi, foi colocar tropas do Exército nas portas das refinarias e gosto de sangue na boca tem a Polícia Militar, braço armado do latifúndio no massacre de Eldorado dos Carajás. Os partidos de esquerda devem representar os interesses dos trabalhadores e lamento que o PT não defenda aqui comigo, a anulação do PAS* (Projeto de privatização da saúde, implantado por Maluf) e *a anulação da privatização da CMTC.* **(M.F.)**

Wladimir Souza

Valério Arcary

RIO DE JANEIRO

Cyro começa com 1% nas pesquisas

Paulo Aguena,
do Rio de Janeiro

No dia 1º de julho, o candidato do **PSTU** à prefeitura do Rio de Janeiro, Cyro Garcia participou de um debate na Bandeirantes. Cyro denunciou o candidato Sérgio Cabral (PSDB), que diz ter propostas para melhorar a saúde e educação, mas que tem o mesmo projeto de FHC, que está acabando com a saúde e educação públicas.

No dia 2 de julho, Cyro esteve presente em outro debate, desta vez na rádio CBN e promovido pela Federação Fluminense das Pequenas e Médias Empresas (Flupeme). O tema foi geração de emprego. Cyro propôs a redução da jornada, sem redução do salário e uma política de crédito para os pequenos empresários, bem como a estatização do sistema financeiro sob controle dos trabalhadores e o resgate da função social do Banco do Brasil e do Banerj.

Cyro também denunciou o PDT, que destruiu o Banerj nas suas sucessivas administrações e o projeto de renda mínima do PT, que não reverte o quadro de desigualdade na distribuição de renda no país. Chico Alencar, do PT, acusou o golpe e respondeu que a proposta pode ser reformista, que não resolve, mas que pelo menos é algo que responde minimamente à situação. Dessa forma, o PT abandona as reivindicações históricas dos trabalhadores.

No último dia 5 de julho, o *Jornal Nacional* divulgou uma pesquisa do Ibope, que coloca Cyro Garcia com 1% das intenções de voto, sendo que na juventude ele está com 4%.

No dia 16 de agosto será realizada uma grande festa da candidatura de Cyro Garcia para prefeito, Guilherme Haeser para vice e dos 15 candidatos a vereador que o **PSTU** está apresentando no Rio de Janeiro.

Eraldo Platz

Cyro Garcia

Partido tem candidata em Manaus

O PSTU lançou no dia 29 de junho, o nome da professora Irinéia Vieira e do trabalhador dos Correios, Egberto Bonfim, para disputar, como candidatos a prefeita e vice, respectivamente, à prefeitura de Manaus.

Em clima de festa, estudantes secundaristas e universitários, professores e sindicalistas estiveram presentes no ato, realizado na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, que contou também com a presença do vereador Aloysio Nogueira, do PT.

O vereador petista saudou os filiados e os participantes da convenção, após destacar a importância da candidatura do PSTU, como representante legítima da esquerda nestas eleições.

PT e PCdoB apóiam burgueses

Em Manaus, o PT e o PcdoB, preferiram coligar-se com os partidos da burguesia.

O PT optou pela candidatura de Nonato Oliveira, do PDT e que anteriormente pertencia aos quadros do Partido Liberal, o PL.

O PCdoB, negando a sua trajetória de luta nos movimentos que participa na cidade, coligou-se com o PSB e o PSDB. Este último, partido de FHC, que no Amazonas é representado pelo ex-prefeito Artur Neto.

PSTU faz proposta inédita

Vários companheiros(as) do PT e PCdoB já declararam voto na candidata socialista do PSTU, considerando ser esta a única maneira de ver a esquerda representada nas eleições.

A insatisfação com a postura do PT e PCdoB cresce em inúmeros companheiros do movimento sindical e dos trabalhadores.

Na semana passada, o PSTU reuniu-se em plenária e decidiu propor a realização de uma "dobradinha" entre o vereador Aloysio Nogueira, do PT, e a candidata Irinéia Vieira, do PSTU, nestas eleições. Para isso definiu um programa mínimo e propôs que a coligação "sui generis", como definiram os militantes, fosse pública.

Pela proposta, o PSTU mantém a sua chapa de vereadores e chama o voto para Aloysio no setor de Educação.

Empresa quer acabar com sindicalismo combativo

GM demite mais três sindicalistas

Clara Paulino,
da redação

No final da tarde da quinta-feira, dia 4 de julho, a General Motors (GM) de São José dos Campos demitiu mais três diretores do Sindicato dos Metalúrgicos da região: os metalúrgicos do **Movimento por uma Tendência Socialista** e do **PSTU** Luís Carlos Prates, o Mancha, e Marcos Vilas Boas; e o metalúrgico da *Articulação Sindical* Agnaldo Santos. O cipeiro Vivaldo Araujo Barbosa, também militante do **Movimento por uma Tendência Socialista,** foi suspenso por 25 dias. Em seis meses, a direção da GM já demitiu seis diretores do Sindicato e puniu seis cipeiros.

Apesar do clima de terror, existe resistência dos operários a esta ofensiva da empresa contra a organização dos trabalhadores. No dia 2 de julho, 3 mil metalúrgicos participaram de um ato em frente à empresa que exigia a reintegração dos demitidos. Estiveram presentes na ocasião José Maria de Almeida, pela Executiva Nacional da CUT, José Lopes Feijó, da Executiva Estadual, e diversos representantes de sindicatos da região do Vale do Paraíba.

O argumento da direção da GM, para tanta perseguição, é que os dirigentes sindicais vêm cometendo falta grave. A empresa entende por falta grave, por exemplo, a mobilização realizada no final de abril e encabeçada por aqueles sindicalistas, que reivindicava maior participação nos resultados e reposição da inflação.

Wladimir Souza

Arquivo

Trabalhadores protestaram contra demissões. No destaque, Mancha

Apesar da GM ter batido recordes de produção e vendas nos quatro primeiros meses deste ano, de estar intensificando projetos para aumentar suas exportações e de estar investindo US$ 5 milhões na construção de uma fábrica de montagem de câmbios automáticos para ônibus e caminhões na capital paulista, a empresa quer destruir o maior obstáculo que enfrenta para avançar nas suas metas: um sindicalismo combativo.

Devido à luta do Sindicato e dos trabalhadores da empresa, a GM se mantém como a única montadora que ainda não flexibilizou a jornada de trabalho. Destruir a organização dos trabalhadores dentro da fábrica e o Sindicato passou a ser uma questão de princípios para a direção da GM. A montadora está desconhecendo que dirigente sindical tem estabilidade no emprego.

Além disso, conforme trechos de documento interno da GM, a empresa preparava já um ataque contra os diretores do Sindicato ligados ao **PSTU**. No documento, está escrito que *"os documentos anexos são os que conseguimos juntar até agora sobre o movimento das emprei-teiras em São José e que podem nos ajudar a tomar alguma medida contra os diretores do Sindicato dos Metalúrgicos ligados ao **PSTU**"*

"Ação dos trabalhadores pode barrar a GM"

O clima dentro da fábrica deve se agravar. Na manhã do dia 5 de julho, os sindicalistas tentaram chamar os trabalhadores para uma assembléia na porta da fábrica, mas foram impedidos pela polícia.

Em depoimento ao Opinião Socialista, o diretor demitido, Mancha, disse que a direção da GM está parando a produção, reunindo os operários e os ameaçando de demissões caso esbocem qualquer reação. *"Os ônibus que trazem os operários para a fábrica estão sendo desviados de sua rota normal e escoltados por policiais"*, denuncia.

Mancha esclarece que a GM comunicou sua demissão fora da fábrica, o que prejudicou o desencadeamento de uma reação imediata. O Sindicato dos Servidores Federais da Área de Ciência e Tecnologia enviará via Internet mensagem sobre a atitude da GM.

Para Mancha, este é um duro ataque a todo o movimento sindical, especialmente, contra a parcela que vem lutando contra os prejuízos impostos aos trabalhadores pelos novos métodos de trabalho. *"Somente os trabalhadores, através de suas manifestações, poderão barrar a GM. Neste sentido, também é importante que todas as organizações de trabalhadores, sindicatos, cipas e comissões de fábrica enviem faxes de repúdio à direção da GM."*

Os números são os seguintes:

General Motors de São José dos Campos — (0123) 332-4775

General Motors de São Caetano do Sul — (011) 741-8597 (C.P.)

Demitidos da Ford são reintegrados

Os trabalhadores da Ford Caminhões, de São Paulo, paralisaram a produção dia 4 de julho para reivindicar o prêmio de participação nos resultados. Nesse dia, a indústria demitiu 12 trabalhadores por justa causa e suspendeu seus representantes. No dia seguinte toda a fábrica parou em protesto e mais quinze trabalhadores foram demitidos. Ao final do dia, a empresa recuou nas demissões. Porém, puniu três operários com suspensão de três dias e os membros da comissão de fábrica com 30. Com o recuo nas demissões, os 2.300 trabalhadores retornaram ao trabalho.

Vitória na fábrica de munição

No dia 6 de julho, os 850 trabalhadores da Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC), indústria de munição localizada em Ribeirão Pires, na região do ABC paulista, decidiram retornar ao trabalho depois de 20 dias em greve. O movimento foi deflagrado para reivindicar condições de segurança, já que vários operários vinham sendo feridos por explosões de cartuchos no horário de trabalho.

Os operários resolveram acatar a decisão do Tribunal Regional do Trabalho, que concedeu estabilidade de 60 dias, pagamento dos dias parados e julgou não abusiva a paralisação. O Tribunal determinou também a reintegração dos 42 trabalhadores demitidos durante a paralisação.

Aeroviários farão Congresso

A Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Aéreo, filiada à CUT, realizará de 15 a 18 de agosto, junto com o Sindicato Nacional dos Aeroviários e o Sindicato dos Aeroviários do Estado de São Paulo, o 7º Congresso Nacional dos Trabalhadores em Transportes aéreos. O evento será no Rio de Janeiro.

No Congresso, os aeroviários irão debater a conjuntura nacional, a organização da categoria e elegerão uma nova diretoria para o período 96/99.

Importação ameaça setor de autopeças

Marco Antônio Ribeiro,
da redação

A redução das alíquotas de importação está mandando para o espaço a indústria nacional de autopeças. O volume das importações de autopeças deve bater, neste ano, em US$ 2,5 bilhões. Em 1990, a indústria automobilística importou US$ 837 milhões, três vezes menos do que deverá importar este ano. O imposto sobre as importações de peças, que variava entre 35% e 40% em 1987 caiu para valores entre 12% e 16%, facilitando as importações.

Wladimir Souza

Metal Leve não resistiu a concorrência e foi vendida

Apenas entre 16% e 20% das empresas brasileiras estão em condições de enfrentar a concorrência estrangeira. Esse foi o resultado ao qual chegou a empresa de consultoria internacional Roland Berger Associados depois de pesquisar 220 empresários. Das empresas que já estão em condições de competir, três quartos são subsidiárias de americanas ou européias.

Quem não aguenta o tranco está fechando as portas. O presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes (Sindpeças), Paulo Butori, estima que até o ano 2000, das atuais 540 empresas do setor, apenas 350 sobrevivam.

As empresas brasileiras estão perdendo a concorrência e a culpa não é dos salários dos trabalhadores, como muitos afirmam. Estudo realizado pela consultoria Booz-Allen para o Sindpeças, em 1993, mostrou que o custo do trabalhador brasileiro no setor era de US$ 2,70 por hora. Incluindo benefícios e encargos, o custo se elevava para US$ 6,00 por hora. Bem abaixo dos US$ 16,00 por hora nos Estados Unidos, US$ 17,00 no Japão e US$ 26 na Alemanha. A produtividade também não deixa a desejar. Ela cresceu entre 1991 e 1994, 66%.

Salários não são os responsáveis pela crise da indústria

A principal razão para o Brasil estar perdendo esta briga é a tendência da indústria automobilística a uniformizar os fornecedores de seus carros. Não importa se o Golf da Volkswagen é produzido na Alemanha, no México ou na Bélgica. Ele terá sempre arranque da Bosch, Freios ABS da Teves, faróis da Hella, ar condicionado do Valeo e instrumentos da VDO/TRW. A uniformização dos fornecedores coloca em vantagem as multinacionais, que podem garantir o fornecimento em qualquer lugar do planeta.

Sem condições de competir com as multinacionais as ações destas empresas estão em queda livre nas bolsas de valores. As ações da Cofap, que foram vendidas a R$ 9,90 no dia 16 de maio de 1995 valiam R$ 4,15 no dia 1º de abril de 1996. E o lote de mil ações da Metal Leve, cotado em US$ 30,75 dólares em dezembro de 1990 valia, no dia 11 de junho deste ano, US$ 9,40 dólares o lote.

Com os preços em queda livre, as empresas brasileiras de autopeças se transformaram em um bom negócio para multinacionais a procura de parcerias no Brasil. Se a situação continuar do jeito que está, as empresas que não fecharem serão obrigadas a se associar a multinacionais para sobreviver. A concentração de mercado na mão de poucas empresas provocará uma centralização cada vez maior do capital, com a fusão ou incorporação de indústrias.

Mais peças, menos fornecedores

A terceirização cada vez maior da indústria automobilística tem provocado um crescimento nas encomendas de autopeças. A Mercedes-Benz de São Bernardo, por exemplo, produz internamente apenas 50% de suas atividades e pretende atingir o índice de apenas 30%. O restante fica por conta dos fornecedores.

Esta terceirização está sendo acompanhada por uma mudança no perfil dos fornecedores, que foram classificados em três ou quatro níveis. No topo estão aqueles que fornecem subconjuntos pré-montados, prontos para instalação na linha de montagem. O segundo nível forneceria peças e materiais isolados para o primeiro nível fabricar os subconjuntos e assim sucessivamente.

A maior demanda por autopeças, entretanto, acarretou uma concentração e centralização maior das empresas do setor. Segundo estudo feito pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC não restarão mais de 300 fornecedores de primeiro nível na indústria automobilística brasileira, sendo que cada montadora não trabalhará com mais do que 70 destes, ao invés dos atuais 400 fornecedores.

Poucos produtores conseguem atender as exigências de quantidade e qualidade das montadoras, desenvolver novos produtos e manter um preço competitivo. O resultado é a fusão ou incorporação de empresas ou a criação de associações entre antigos concorrentes. (M.A.R.)

Cofap e Mahle compram Metal Leve

A última empresa a cair frente ao poder de fogo das multinacionais foi a Metal Leve, líder nacional na venda de pistões e bronzinas.

Por um valor estimado em R$ 75 milhões, um consórcio formado pela Cofap e pela alemã Mahle arrebataram 80% das ações ordinárias da companhia. Cofap, Mahle e Metal Leve juntas terão, no Brasil, 13.250 funcionários e vendas anuais no valor de R$ 1,1 bilhão.

A Metal Leve estava passando por maus bocados. Em 1995 seu faturamento caiu 14% em relação ao ano anterior, a empresa amargou um prejuízo de R$ 19,6 milhões e suas dívidas pularam de R$ 38 para R$ 81 milhões.

Empresa não resistiu à concorrência

Ironicamente a Mahle, uma das compradoras da Metal Leve, foi a responsável pelo seu declínio. Com 26 fábricas espalhadas em 19 países e com um faturamento anual de US$ 2 bilhões, a multinacional alemã passou a ditar o preço dos pistões no mercado mundial.

Desde 1993 a Mahle reduziu 30% seus preços. A Metal Leve fez o mesmo para não perder sua fatia no mercado, mas seus lucros despencaram. A margem líquida que era de 15,2% em 1989 foi 6,4% negativa no ano passado.

A única possibilidade de se manter seria aumentando a escala. José Mindlin, um dos donos da Metal Leve chegou a pensar em triplicar a capacidade de produção, mas isso exigiria um investimento inicial de US$ 100 milhões. Desistiu e começou a procurar compradores.

Reengenharia não resolveu o problema

Para tentar sair da crise a Metal Leve andou tentando até a reengenharia. A empresa de consultoria Consep foi contratada para tocar o projeto. Resultado: 500 demitidos, entre operários e funcionários administrativos, e a unidade de bronzinas, instalada no Rio de Janeiro, fechada.

Balanço da Greve Geral em debate

José Humberbo

Sem terras marcham para Brasília no Dia da Greve Geral

GREVE GERAL?

Em minha "opinião socialista" o artigo da companheira Mariúcha Fontana pecou por um "impressionismo cego" na análise dos dados fornecidos pelo Instituto Gallup sobre a adesão à greve geral do dia 21 de junho.

O artigo, é claro, quando baseado nessas pesquisas começa fazendo a afirmação de que "70% dos trabalhadores vão fazer greve geral". Assim como teoria não é fato, "pesquisa também não reflete a realidade com precisão". Cadê a margem de erro, companheira? Não seria mais lógico afirmar que é possível que 70% dos trabalhadores façam a greve geral?

O resultado dessa imprecisão está expresso nos números encontrados na Folha de S. Paulo, de 22/6, fornecidos pela CUT, governos estaduais e PM. Segundo estes números, pararam cerca de 8,5% milhões de trabalhadores, cerca de 15% da população economicamente ativa.

Mesmo se levássemos em conta a previsão das centrais sindicais, não chegaríamos a 70%. Mesmo se levássemos em conta que 77% dos entrevistados acham que a situação da previdência e dos direitos dos trabalhadores está piorando, falta clareza sobre o assunto. Há um universo de trabalhadores que não foram pesquisados.

Tenho sérias dúvidas de que uma grande greve geral poderia ter ocorrido no dia 21. Os números revelam uma outra realidade. Um grande e importantíssimo setor da classe está desorganizado e até mesmo apóia o governo. Grande parte dos sindicatos estão profundamente burocratizados e distantes da realidade da base. Ao invés de simplesmente ficar sempre fazendo exigências à direção majoritária da CUT, o PSTU dever "ir aonde os trabalhadores estão", ou seja, nas fábricas, favelas, bairros populares, escolas etc.

É assim que se constrói uma nova direção para os trabalhadores. Infelizmente falta-nos precisão. De resto é "mãos à obra" e audácia, sempre audácia e mais audácia.

Fábio,
Baixada Santista (SP)

BALANÇO MUITO OTIMISTA

O objetivo deste pequeno artigo é apresentar e valorizar alguns elementos que consideramos importantes mas não apareceram, ou apareceram muito pouco, no que se refere ao balanço da greve geral do dia 21 de junho. E também estimular uma maior participação dos leitores deste jornal.

As opiniões sobre a greve geral, apresentadas nas páginas centrais do jornal nº 4, são demasiadamente otimistas e sindicais. Elas deixam muito a desejar sobre as análises das relações políticas contidas na greve.

O jornal não cita o papel político das centrais, em função da forma errônea de preparação da greve. Diferentemente, diz que a greve teve inúmeras desigualdades e que elas se devem à confusão nas bandeiras de luta (pag. 6).

Na verdade, as bandeiras de luta das centrais sindicais são bem claras no sentido de destruir a consciência de classe operária dos trabalhadores. Pregam a conciliação com os opressores burgueses.

Quais são as diferenças daquelas bandeiras defendidas pelas centrais com as do governo e da Fiesp?

É preciso trabalhar com propostas anti-capitalistas e anti-patronais. Por fim, faltou uma alternativa contrária à das centrais. Essa política é a de incentivar a consciência de classe.

Em um dos parágrafos o jornal diz: "não conseguimos bater com força suficiente de modo a colocar FHC na defensiva". Em tudo o que foi escrito no jornal, o governo parece como inimigo principal. E a burguesia?

Nosso inimigo principal é a classe patronal, com suas armas, sendo uma delas o governo. Achamos importante que o jornal amplie o seu espaço de cartas para que os leitores possam debater suas opiniões.

Ramo, Geraldo e Toninho,
da regional ABC (SP)

Uma importante paralisação

Wilson H. Silva,
da redação

Em primeiro lugar gostaríamos de agradecer aos companheiros por terem enviado as cartas. Nada melhor do que isso para que possamos fazer do **Opinião Socialista** um jornal melhor e mais dinâmico.

Dito isto, queremos insistir que a greve geral foi um grande e importantíssimo movimento e a primeira mobilização nacional contra FHC e seus planos.

Também queremos esclarecer que apesar de termos afirmado que havia desigualdades devido à confusão nas bandeiras da greve, no início de sua preparação, como também à falta de organização na base, talvez não tenhamos ressaltado com a devida importância que esses problemas foram causadas pelas políticas que defendem as direções majoritárias da CUT e a Força Sindical. Mesmo assim, o **PSTU** lutou incansavelmente para reverter a postura das centrais.

E é a partir daí, que gostaríamos de responder ao companheiro Fábio, de Santos. Ao publicarmos a pesquisa da CUT, nossa intenção era demonstrar que era possível realizar uma grande greve geral contra o governo. A pesquisa era uma prova de que havia condições objetivas para uma grande paralisação apesar das posturas céticas (ou abertamente opostas à greve) de diversos dirigentes da CUT e da FS, como Ricardo Berzoini, do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

Mesmo concordando inteiramente que é necessário ir às fábricas, às escolas, etc. (algo que fizemos), não podemos deixar de exigir que as direções majoritárias da classe encaminhem as lutas, de forma coerente.

Isto também nos remete à discussão com os companheiros Ramo, Geraldo e Toninho, do ABC. Primeiro é necessário lembrar que desde o **Opinião Socialista** nº 1, não só defendemos um programa "anti-patronal e anti-capitalista", como também não poupamos críticas aos vacilos da direção da CUT.

Nos parece que os companheiros não compreendem que, apesar de sabermos do projeto estratégico de conciliação das direções da CUT e da Força Sindical, que enfraquece o movimento, a greve geral foi evidentemente contra o governo e os patrões.

Apesar de todas as confusões provocadas por estas direções, a greve do dia 21 não foi um movimento a favor das reformas (como queria Medeiros), como também não fez parte de um movimento pró desregulamentação das leis trabalhistas ou a favor do desemprego.

Não ter isso claro pode nos levar a enormes equívocos. Neste sentido, é necessário que se diga que, caso os companheiros levassem sua argumentação às últimas consequências, eles teriam que defender a não adesão à greve.

Achamos que isso seria um tremendo erro. Seria confudir a estratégia mais geral da direção com o movimento objetivo dos trabalhadores. E, em última instância, colocar-se contra essa greve, ou seja, ficando objetivamente ao lado da Fiesp e do governo .

Sindicato apóia demissão de 28 mil mineiros

Greve entra em choque com governo Mandela

Wilson H. da Silva,
da redação

Na semana passada, todos os 28 mil trabalhadores que realizavam uma greve na maior mina de platina do mundo, localizada na cidade de Rustenburg, na África do Sul, foram demitidos por terem se recusado a acatar uma ordem judicial que exigia o imediato retorno ao trabalho. Os mineiros estavam em greve desde a semana retrasada.

Os mineiros estavam lutando pelo reembolso de deduções do imposto de renda, a devolução das contribuições do programa de benefícios por morte e o adiantamento do pagamento desse benefício para todos os trabalhadores. Apesar de parecerem "estranhas", as reivindicações dos trabalhadores refletem o desespero diante da crescente miséria que assola o país: vivendo com salários extremamente arrochados e sem perspectivas, os trabalhadores exigiam que o governo lhes restituísse o pagamento de impostos que são vistos como apenas mais uma forma de engordar os cofres de um governo que, cada dia mais, se distancia dos trabalhadores.

O fato da empresa ter atacado duramente a greve não é nenhuma novidade (segundo eles, o prejuízo diário com a greve chegava a US$ 3,1 milhões). A "novidade" veio por conta da postura adotada pelo Congresso Nacional Africano (CNA), o partido de Mandela e do Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Minas, o NUM, uma das entidades que mais bravamente lutou contra o regime racista do *apartheid*.

Kgalema Motlanthe, secretário geral do NUM, condenou veementemente a greve e fez coro com os patrões exigindo a demissão dos grevistas e alegando que a paralisação estava sendo dirigida por mineiros não sindicalizados, *"um grupo auto-eleito que intimida gravemente os nossos associados que querem retornar ao trabalho"* (*Gazeta Mercantil*, 5/7/96).

Já o CNA interveio na negociação tentando convencer os grevistas a retornarem ao trabalho e, sem ter obtido sucesso, se calou completamente diante das demissões.

Os mineiros se recusam a acatar as demissões e estão resistindo a sair dos alojamentos que ocupam no interior da mina. Diante disso, a empresa ameaça tirá-los à força.

Ali Paczensky

A greve de Rustenburg é apenas o exemplo mais recente do crescente choque entre as necessidades dos trabalhadores sul-africanos e os interesses do CNA, da Cosatu (a poderosa Central Sindical Sul-Africana, que faz parte do governo) e seus novos aliados, a burguesia branca (nacional e internacional).

Para assegurar uma "transição pacífica para a democracia", Mandela, ao invés de se apoiar nas lutas que varriam o país, manteve os brancos no controle de 87% da economia e, agora, com as mãos ainda mais livres para aplicarem o receituário neliberal do FMI, com privatizações, mais desemprego e reestruturação da economia.

Média salarial	Negros	Coloured*	Asiáticos*	Brancos
Mais de R$ 2000**	12%	14%	34%	59%
Entre R$1000 e R$1999	28%	38%	44%	27%
Entre R$500 e R$999	25%	26%	17%	10%
Entre R$0 e R$499	35%	22%	5'%	4'%

* "Coloured" refere-se a mestiços e "Asiáticos", principalmente, a indianos
**Em Janeiro, 1 dólar equivalia a 3,6 rands(R$)

Política de conciliação levou à traição

Em 1994, depois de um longo processo de negociações e das primeiras eleições multiraciais realizadas no país, o CNA elegeu mais de 60% dos deputados e liderou a formação do Governo de Unidade Nacional (GNU), onde os brancos ocupavam sete ministérios chaves através do Partido Nacional (PN).

O resultado dessas negociações pode ser resumido em uma frase: a estrutura legal do *apartheid* foi desmontada, mas sua essência, a exploração da grande maioria da população (os negros, 76,1% dos sul africanos) por uma minoria branca (12,8%) não só foi garantida, como consolidada.

Por isso, não causou espanto quando em maio, depois da aprovação de uma nova Constituição, o PN deixou o governo. Sua missão estava cumprida. A nova Constituição assegurou, economicamente, a manutenção do poder branco sobre a população. Tendo agora Mandela, a Cosatu e o PC como "aliados".

A greve dos mineiros, e tantas outras, contudo, demonstram que os trabalhadores negros não se esqueceram dos anos de luta contra o real significado do *apartheid*: a luta por uma vida digna, sem qualquer forma de exploração e opressão. Uma luta que, cada vez mais, tem que se enfrentar com seus antigos dirigentes, do CNA e da Cosatu. (W.H.S.)

Delegação fará viagem à Argentina

O PSTU está preparando uma visita aos companheiros presos em Neuquen, Horacio Panario e Alcides Christiansen, para levar-lhes a solidariedade das entidades que assumiram a campanha no Brasil.

A viagem será no começo de agosto e estão sendo convidadas várias personalidades políticas e sindicais. Esta atividade significará um importante passo para a campanha internacional de libertação dos socialistas argentinos presos pelo governo Menem e que podem ser condenados até a dez anos de prisão.

Solidariedade de Brasília

O núcleo do PSTU de Guará, em Brasília, enviou um telegrama para o governo de Neuquen exigindo a liberdade dos socialistas presos.

Os militantes desse núcleo também enviaram uma mensagem diretamente aos companheiros Horacio e Alcides. No telegrama, os companheiros escreveram que "irmanados na mesma luta contra o neoliberalismo, somos solidários com vosso sofrimento, a vitória será nossa."

Campanha cresce na França

No dia 11 de junho, uma importante delegação de dirigentes sindicais franceses manifestaram-se na embaixada argentina na França. O ato foi encabeçada por Isabelle Aloujes, do secretariado federal do Sindicato dos Correios e Telecomunicações; Joel Merrien, representante do Sindicato da Educação e Gérard Florenson, secretário nacional da CGT.

A delegação entregou aos representantes diplomáticos argentinos 500 assinaturas exigindo a imediata liberdade de Horacio e Alcides, assim como o fim de toda perseguição contra os socialistas Oscar Martínez e outros dirigentes operários de Neuquén e Tierra del Fuego.

Importantes personalidades francesas assinaram o abaixo-assinado como o historiador marxista Pierre Broué, o escritor Gilles Perrault e o cientista Albert Jacquard.

Jornal saudou a SBPC

O jornal Opinião Socialista está presente na 48ª reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Por iniciativa dos estudantes do partido em São Paulo, foi feito um panfleto saudando a reunião e apresentando a campanha de assinaturas do jornal. Durante todos os dias do evento haverá uma banca do Opinião Socialista para a sua divulgação. Os companheiros estavam animados e esperavam com esta atividade fazer várias assinaturas entres os participantes da reunião.

Lembramos que no mês de julho teremos muitos outros eventos, como os congressos sindicais dos petroleiros, bancários do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. Será uma ótima oportunidade para ampliar a campanha e fazer com que centenas de trabalhadores que estarão presentes nesses encontros conheçam o nosso jornal e se tornem assinantes.

Campanha eleitoral rima com jornal

Por sugestão do companheiro Passarinho, funcionário dos Correios em Osasco, São Paulo, todo material eleitoral dos nossos candidatos na cidade sairá com a propaganda da campanha de assinaturas do jornal.

Esta iniciativa é válida, pode ser seguida por todos. A campanha eleitoral também será um momento importante para expandir o número de assinantes do jornal, pois teremos contatos com muitas pessoas.

Sindicalistas e estudantes assinam Opinião Socialista

A campanha nacional de assinaturas do **Opinião Socialista** entrou na quinta semana e são vários os dirigentes sindicais e estudantis de outros partidos e ainda personalidades que também estão contribuindo com a nossa campanha. Nesta página, trouxemos o depoimento de alguns deles que contam por que assinaram o jornal do nosso partido.

Queremos agradecer a estes companheiros e companheiras que estão nos ajudando a manter um jornal socialista regular em nosso país, que defende os interesses e as lutas dos trabalhadores contra a exploração e a opressão capitalista.

Para todos os companheiros e simpatizantes do **PSTU** que estão empenhados na campanha, lembramos que precisamos intensificá-la ainda mais para alcançarmos os nossos objetivos. Não deixem de procurar seus colegas de trabalho e escola, seus amigos e familiares, visitar os sindicatos e o parlamento da sua região.

Arquivo

Neste momento em que começa a esquentar a campanha eleitoral dos socialistas, com candidatos a prefeitos em várias capitais, aparições nos debates de rádio e televisão, será de grande importância consolidar um novo jornal de esquerda que também sirva para acompanhar este importante desafio do partido que será a eleição de outubro próximo.

"Jornal acompanha a luta dos trabalhadores"

Wallace Byll — Coordenador Geral do Sindicato dos Petroleiros do Amazonas

"Assinar o Opinião Socialista é acompanhar passo a passo os acontecimentos referentes ao movimento sindical, partidário e internacional, pois é importante estar acompanhando todas as lutas dos trabalhadores. O Opinião Socialista faz isso e muito bem."

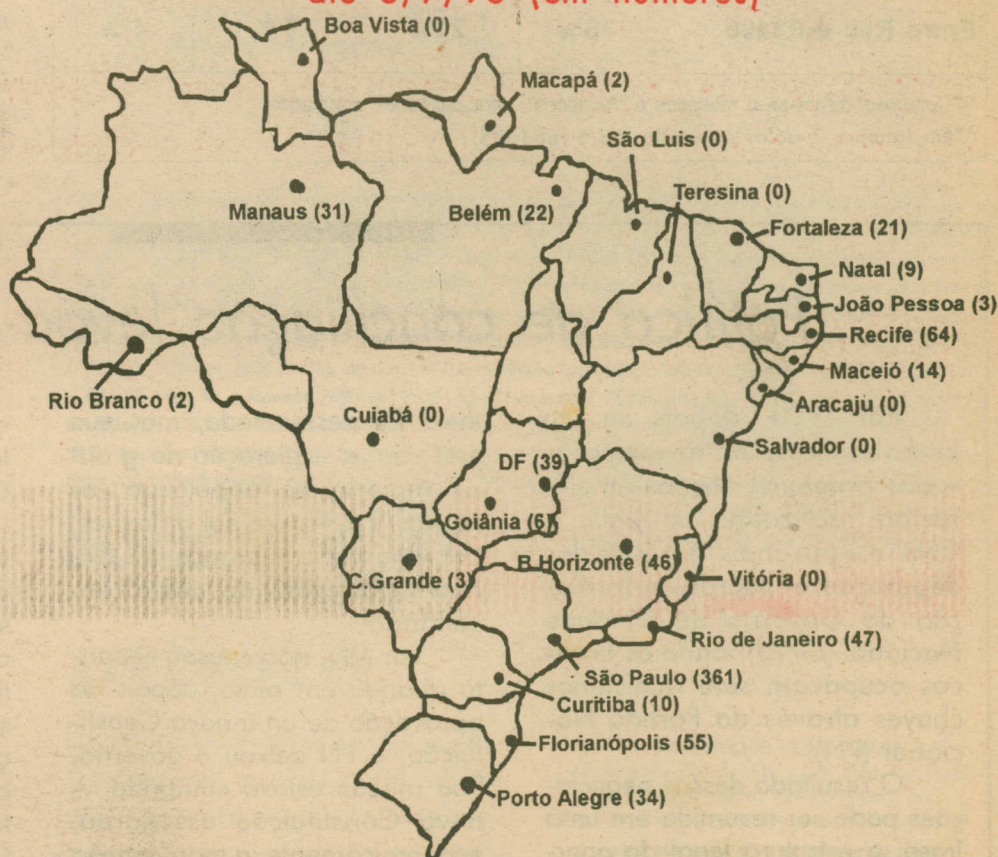
Airton Eiras — Físico nuclear e professor da Fatec/SP

"O jornal Opinião Socialista aparece oportunamente no cenário político para contrapor-se às teses fáceis e adesistas que ora caracterizam a grande imprensa. O Opinião, desta forma, tende a tornar-se o divulgador das idéias, teses e alternativas socialistas, fortalecendo o debate crítico oposicionista."

Ronaldo Carmona — Diretor da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas e militante do PCdoB

"É mais um jornal para a construção da luta dos estudantes e trabalhadores e um porta-voz contra a mídia burguesa."

Mapa das assinaturas
até 5/7/96 (em números)

Boa Vista (0)
Macapá (2)
São Luis (0)
Manaus (31)
Belém (22)
Teresina (0)
Fortaleza (21)
Natal (9)
João Pessoa (3)
Recife (64)
Maceió (14)
Rio Branco (2)
Aracaju (0)
Cuiabá (0)
Salvador (0)
DF (39)
Goiânia (6)
B.Horizonte (46)
C.Grande (3)
Vitória (0)
Rio de Janeiro (47)
São Paulo (361)
Curitiba (10)
Florianópolis (55)
Porto Alegre (34)

São Paulo (interior): ABC (49), São José (61), Barra Bonita (3), Santos (2), São José do Rio Preto (15), Bauru (33), Ribeirão Preto (3), Campinas (5), São Carlos (2), Rio Claro (2), Guarulhos (10), Jundiaí (5), Equipe do jornal (11) Rio Grande do Sul (interior): Passo Fundo (38), São Leopoldo (23), Santa Maria (4) TOTAL: 1.055